

Representações sociais dos ciganos em Sergipe: contato e estereótipos

Social representations on the gypsies in Sergipe: contact and stereotypes

Nayara Chagas Carvalho¹
Marcus Eugênio Oliveira Lima²
André Faro³
Cíntia Almeida Figueiredo Silva⁴

RESUMO: Neste artigo, adotando a abordagem estrutural das representações sociais, analisamos as representações que sergipanos, que vivem perto ou distante de comunidades ciganas, possuem sobre essa categoria social. A nossa hipótese principal é a de que os que vivem perto possuem imagens mais negativas dos ciganos que os que vivem distante. Participaram da pesquisa 300 não ciganos, dos quais 153 moram perto e 147 residem longe dos ciganos. Foi utilizado um roteiro de entrevista, no qual constava uma associação livre tendo a palavra “ciganos” como termo indutor. Os resultados encontrados mostram que as representações sociais dos ciganos são objetivadas por estereótipos negativos. Confirmando nossa hipótese, os ciganos foram representados principalmente como “diferentes”, “criminosos” e “briguentos” pelos que moram perto e como “nômades”, “aparência física” e “misticismo” pelos que moram longe. Os resultados são discutidos com base nas teorias sobre preconceito e estereótipos.

Palavras-chave: ciganos; contato; representações sociais; estereótipos.

ABSTRACT: In this article, we adopt a structural approach of social representation and analyse the representations created by sergipanos – who live nearby or far from gypsies’ communities – regarding that social category. Our main hypothesis is that those who live nearby gypsies construct the most negative images than those who live far from gypsies. In this research, we interviewed 300 participants who were not gypsies: 153 lived nearby and 147 lived far from them. It was used an interview which had a free association with the word “gypsies” as an inducing term. The results demonstrated that the social representations of gypsies are portrayed as negative stereotypes. Moreover, our hypothesis was confirmed because gypsies were mainly represented as “different”, “criminals” and “troublemakers” for those who live nearby, whilst “nomad”, “physical appearance” and “mysticism” were the words used by those who live far from them. The results are discussed based on theories which deal with prejudice and stereotypes.

Keywords: gypsies; contact; social representations; stereotypes.

Os ciganos, desde muito tempo, são uma minoria social perseguida e estigmatizada pela sua diferença cultural. Essa perseguição se reflete nas representações sociais construídas sobre eles e em suas relações com outros grupos. Desde sua chegada à Europa, no século XV, talvez por ter uma pele mais escura, não serem vinculados a nenhuma nação ou religião e por terem uma língua diferente, os ciganos foram alvo de violenta perseguição pela sociedade; chegando a sofrer sanções, inclusive escravidão e degredo (Benjamim, 2004). Por outro lado, a Igreja Católica os condenavam por práticas consideradas como

¹ Aluna de graduação em Psicologia na Universidade Federal de Sergipe – Sergipe, Brasil. E-mail: nayaracc.ufs@gmail.com.

² Professor Adjunto na Universidade Federal de Sergipe, departamento de Psicologia - Sergipe, Brasil.

³ Professor Adjunto na Universidade Federal de Sergipe, departamento de Psicologia - Sergipe, Brasil.

⁴ Aluna de graduação em Psicologia na Universidade Federal de Sergipe – Sergipe, Brasil.

bruxaria, como, por exemplo, a quiromancia, legitimando assim sua posição marginalizada na estrutura social (Teixeira, 2008).

Os primeiros ciganos chegados ao Brasil vieram expulsos de Portugal. Eles presenciaram e participaram de vários acontecimentos históricos do nosso país: vinda da família real para o Brasil, tráfico de escravos, mineração, entre outros (Mota, 1984; Teixeira, 2008), além de terem sido uma das principais vítimas das expiações da Segunda Guerra Mundial (Moscovici & Pérez, 1999).

Atualmente, os ciganos passam por um processo de descaracterização cultural, embora haja resistência do grupo a fim de preservar sua cultura. Uma vez sedentarizados, frequentemente não têm atividades que possam lhes garantir a sobrevivência, obrigando-os a conviver e ajustar-se à grande massa de marginalizados na sociedade (Silva, 1999). Os ciganos aparecem, por conseguinte, como um grupo à parte, não pertencente a nações territoriais, provocando estranheza pela sua cultura e modo de vida. Pode-se dizer que a construção dos estereótipos e representações sociais referentes aos ciganos inicia-se nesse processo de exclusão e estranhamento que se mantém secularmente (Moscovici & Pérez, 1999).

Silva e Silva (2002), Calamote (2008) e Teixeira (2008) afirmam que os ciganos vivem em condições muito precárias, fato agravado pelo exercício de práticas anti-ciganas, através das quais eles são obrigados a saírem das cidades ou viverem nas periferias das mesmas. Dessa forma, os ciganos nunca tiveram boas condições de vida e a eles só coube uma alternativa: adaptarem-se à vida na sociedade não cigana e, com isso, alguns dos seus traços culturais foram desaparecendo; sendo que hoje, a maioria deles no Brasil tornou-se sedentária, sofrendo descaracterização cultural (Teixeira, 2008).

As imagens que a cultura dominante cria sobre as comunidades ciganas substanciam os comportamentos racistas e de desprezo, despertando nas pessoas um sentimento de insegurança e medo em relação a esse povo. Assim, seguindo a Teoria da Identidade Social de Tajfel (1982), podemos conceber que a categorização social, a divisão do mundo social em “nós” e “eles”, baseia-se na, e ao mesmo tempo alimenta a, crença de que os outros são diferentes de nós. Essa crença estereotipiza e simplifica as imagens do outro, fazendo com que muitas vezes traços superficiais, como a cor da pele ou o tipo de roupa, sejam compreendidos como essências profundas e estáveis daquilo que fazem os indivíduos e grupos serem o que eles são (Rothbart & Taylor, 1992). Com efeito, ainda que pouco se saiba sobre os ciganos do Brasil, pois não há dados precisos sobre a sua demografia e condições de vida, existem muitas crenças e expectativas negativas sobre esse grupo. Faz-se, portanto, necessário conhecer melhor as imagens desse grupo a fim de aprofundar o conhecimento sobre as relações entre esta minoria étnica e a sociedade em geral.

Dado o exposto, neste artigo analisamos as representações sociais e os estereótipos nelas presentes, que a sociedade sergipana possui acerca dos ciganos. Considerando que essas imagens sociais são contingenciadas pelo tipo de relação que se estabelece entre os grupos (Allport, 1954/1979; Tajfel, 1982) e, especificamente, pela percepção de ameaça (Blumer, 1958). Assim sendo, hipotetizamos que os sergipanos que moram perto de comunidades ciganas terão estereótipos mais negativos do que os que moram longe, os quais, por sua vez, construirão representações sociais objetivadas no exotismo e nomadismo do grupo.

As práticas ciganas e as representações sociais

Durante muito tempo, os ciganos foram desconsiderados e menosprezados enquanto sujeitos, sofrendo de invisibilidade social. Por adotarem práticas culturais diferentes das da sociedade dominante eles são percebidos como uma minoria que não se adéqua aos padrões da sociedade individualista contemporânea. As práticas sociais decorrentes dessas imagens tendem, de modo cíclico, a reforçar os mesmos estereótipos negativos que as constroem, como também, revelam o esquecimento e a indiferença em relação à existência dessa categoria social.

Contudo, é importante destacar que a enorme rejeição à cultura cigana se baseia mais no desconhecimento e medo, do que numa análise das práticas desse povo. Com efeito, raramente as pessoas comuns conhecem a cultura cigana. Torna-se importante, então, ressaltar alguns aspectos culturais desse grupo, que o diferencia da cultura dos não ciganos (referidos como *gadjes*) e que são percebidos de forma negativa pela sociedade dominante.

O povo cigano, por não viver de acordo com as regras e normas da sociedade em geral, pode ser considerado como um grupo *outsider*. Como grupo estabelecido, os *gadjes* tem muitas vezes medo de perderem suas posições de domínio, uma vez que os *outsiders* são considerados como um risco às práticas políticas e costumes da sociedade (Becker, 1963). Os estabelecidos os consideram uma ameaça de “infecção anômica”, que desperta o “medo da poluição” (Elias & Scotson, 2000). Nesse processo, o grupo *outsider* pode ser percebido como uma ameaça aos valores morais dominantes. Este fenômeno também é encontrado nas investigações de Opatow (1990) sobre exclusão moral. Todavia, para que essa exclusão do “diferente” ocorra são necessárias imagens sociais que legitimem ou justifiquem as ações perpetradas contra estes.

Os estereótipos, muitas vezes, alimentados pela ignorância ou desconhecimento sobre o outro, cumprem funções estratégicas na acomodação das relações intergrupais de poder (Tajfel, 1982). Como refere Krüger (2004, pp. 36-37) o estereótipo pode ser entendido como um tipo de “crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico atribuído extensivamente a um grupo humano, formado mediante a aplicação de um ou mais critérios”. Para Pereira (2002, 2011), estruturas mentais como os estereótipos são essenciais na organização do conhecimento e das relações entre grupos minoritários e majoritários, pois fornecem os componentes para a criação de expectativas sobre os entes sociais.

Num sentido mais amplo, podemos afirmar que as distinções entre minorias e maiorias não se sustentariam se não fossem calcadas em representações sociais que embora variem de acordo com as circunstâncias, resguardam aspectos manifestados ao longo da história (Moscovici, 2009). Essas representações da alteridade utilizam, em sua produção, os estereótipos e são atravessadas por interesses simbólicos e materiais (Jodelet, 1998). Tudo se ordena na representação social a partir de um nó figurativo. O nó figurativo associa conceitos e imagens, definindo uma temática. Uma vez formado o nó figurativo, a representação se objetiva e se materializa (Cabecinhas, 2004). No caso dos ciganos, o nó figurativo de sua representação parece ser articulado em torno do tema nômade/sedentário que se mantém durante muitos séculos (Moscovici, 2009).

Na descrição feita pelo Padre Raphael Bluteau, ainda no início do século XIX, autor do primeiro dicionário de Portugal, observa-se claramente a expressão de tal nó figurativo na imagem dos ciganos:

Ciganos – Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturais do Egito e obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicílio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando a Virgem Santíssima e S. José peregrinavam com ele pelo Egito (como citado em Teixeira, 2008, p. 2).

Na atualidade, as representações de trambiqueiros e de vagabundos, que contém em si também a de nômade, permanecem. Mas as menções religiosas foram retiradas. Os ciganos continuam sendo criminalizados, mas agora com ênfase nas suas diferenças culturais (Teixeira, 2008). Nesta lógica, os crimes ou violências não são definidos como transgressão à lei, mas como tendências inerentes, naturais, dessa minoria (Moscovici, 2009). Com efeito, Bonomo *et al.* (2011), investigando as percepções de mulheres não ciganas da zona rural acerca das mulheres ciganas, verificaram a presença de categorizações e estereótipos negativos, como, por exemplo, ladrões, malfeitores e amaldiçoados. Os autores concluem que essas imagens estruturam o sentimento de medo em relação a essa categoria social dificultando as interações sociais.

O nomadismo é o conteúdo estereotípico mais comumente atribuído aos ciganos por ser um modo de vida paralelo ao sedentarismo e supostamente contrário ao progresso da sociedade. Segundo Moscovici (2009), o eixo representacional nômade/sedentário vai condensar duas faces do nomadismo: uma positiva, a dos ciganos praticando uma profissão; sendo as mais populares, músicos ou saltimbancos; e uma negativa, mendicantes ou delinquentes que levam uma vida precária e fora da lei, que não seguem os ritmos e as regras da ética do trabalho. Todavia, para os ciganos, nomadismo significa liberdade, o acesso a uma vida livre e independente, além de um meio para manter contatos com outros grupos, pois há uma preocupação por parte destes de preservar uma imagem positiva que vai além das pessoas da mesma cultura (Teixeira, 2008; Souza, Bonomo, Livramento, Brasil & Canal, 2009).

Allport (1954) afirma que certas situações ideais de contato entre os grupos podem ser um antídoto poderoso contra os estereótipos e o preconceito. Contudo, raramente se conseguem as situações ideais propostas por Allport (ver Lima, 2011a para uma revisão). Com efeito, Triandis e Vassiliou (1967), num estudo clássico sobre o papel da proximidade entre os grupos nos estereótipos, encontram que quanto maior a percepção de competição entre os grupos e maior o nível de contato mais estereotipia negativa.

Tendo por base esses pressupostos e com o intuito de se evidenciar as formas pelas quais os ciganos são representados atualmente em Sergipe, realizamos esta pesquisa na qual adotamos pressupostos da abordagem estrutural das Representações Sociais, especificamente da Teoria do Núcleo Central (TNC).

Na TNC, as representações sociais são abordadas como crenças e atitudes organizadas formadas por dois sistemas: o Núcleo Central (NC) e o Sistema Periférico (SP). As representações se estruturam numa hierarquia, em que o NC está diretamente vinculado às memórias coletivas. São os elementos pertencentes a este núcleo que mantêm a estabilidade das representações e é graças à presença deles que estas resistem às mudanças da realidade, permitindo dessa forma a consistência e a consensualidade das representações dentro do grupo. Tais elementos possuem duas funções: a normativa, responsável pela formação de juízos sobre algo, e a funcional, na medida em que desempenham uma função voltada para a ação, determinando os comportamentos perante o objeto (Sá, 2002).

Por outro lado, é por meio do sistema periférico que as crenças se ajustam ao contexto imediato, permitindo a presença de experiências e histórias individuais, suportando assim a heterogeneidade dentro das representações e admitindo uma flexibilidade das mesmas. Através da ancoragem, o sistema periférico integra os pensamentos e valores já existentes às mudanças da sociedade, pois esta consiste justamente em tornar o desconhecido familiar na percepção das pessoas (Franco, 2004; Menin, 2007; Machado & Aniceto, 2010).

Tomando como ponto de partida o cenário de inserção social do povo cigano e a análise proposta pela TNC, este estudo objetivou investigar como pessoas que moram próximas e pessoas que moram distantes de comunidades ciganas em Sergipe representam essa categoria social. Ainda que Allport (1954/1979) tenha proposto que o contato com a diferença pode reduzir o preconceito, a nossa hipótese principal é a de que os que vivem perto de comunidades ciganas possuirão representações sociais mais negativas dos ciganos que os que vivem distante desse grupo. Esta hipótese se baseia em dois postulados: 1) as condições ideais de contato preconizadas por Allport para a efetividade do mesmo estão, no nosso entendimento, longe de existirem nas relações entre ciganos e não ciganos; 2) quando o contato não ocorre em relações horizontalizadas, com apoio institucional e em interações que impliquem interdependência positiva ele pode aumentar o conflito e o preconceito (Sherif, 1967; Triandis & Vassiliou, 1967).

Método

Participantes

Participaram 300 não ciganos moradores de quatro cidades de Sergipe, divididos em dois grupos: 153 pessoas que vivem perto de grupos ciganos do Estado, em três municípios: Japoatã (60 entrevistados), Umbaúba (56) e São Cristóvão (37); e 147 que moravam longe de comunidades ciganas, na capital Aracaju. A pesquisa foi realizada entre os meses de outubro de 2009 e maio de 2010.

O critério de escolha das cidades dos que moram perto foi baseado na existência de comunidades ciganas fixas no local. Dentre eles 61.2% são de sexo feminino. A faixa etária variou entre 18 e 83 anos ($M = 34.3$; Desvio Padrão = 15.26). Em relação à escolaridade, a maioria (86.7%) tinha até ensino médio. Dentre os participantes que moram longe de comunidades ciganas, 61.9% são mulheres. A faixa etária variou entre 18 e 61 anos ($M = 28.1$; Desvio Padrão = 11.01). Com relação à escolaridade, 32.1% tinham superior completo.

Instrumentos e Procedimentos

Os participantes foram abordados em suas casas ou na rua e solicitados a responder um roteiro de entrevista individual. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética de Pesquisa com seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe, protocolo nº CAAE 0087.0.107.000-10. No caso das pessoas que moram perto, escolhemos bairros ou ruas próximos dos locais onde residiam os ciganos.

Utilizamos a técnica da associação livre, tendo como palavra indutora “ciganos”. A pergunta feita foi: “quando você ouve a palavra ‘ciganos’, o que é que você pensa primeiro?”, seguida da especificação: “qual destes termos é o mais importante para você?”.

A questão permitia a evocação de três palavras. A associação livre permite a ativação de conhecimentos pré-existentes sobre os grupos, formados nas relações sociais, que se revelam através de verbalizações ou expressões (Franco, 2004; Menin, 2007).

Análise de dados

As evocações foram codificadas e analisadas através do programa EVOC, que permuta uma análise dos aspectos estruturais das representações sociais (Machado & Aniceto, 2010). Este programa fornece um quadro, que considera simultaneamente a ordem em que cada palavra foi evocada e o número de vezes que as mesmas foram referidas, de modo que os dados são agrupados em quatro quadrantes (Quadro de Quatro Casas).

O primeiro quadrante é onde se encontra os principais elementos das Representações Sociais, os quais compõem o Núcleo Central (NC). Este quadrante se destaca por seus constituintes apresentarem frequências altas e possuírem uma média de ordem de evocação relativamente baixa (Simoneau & Oliveira, 2011). É no segundo quadrante que se encontram elementos carregados de representações individuais, sendo seus constituintes considerados os mais importantes dentre os elementos periféricos devido à grande quantidade de vezes que foram evocados (Rocha, 2010). Já o terceiro quadrante, também chamado de Zona Contraste (ZC), é onde se encontram os elementos que podem vir a ser uma ameaça para o NC, seus constituintes apresentam uma frequência menor e uma baixa ordem média de evocação. São, portanto, elementos importantes para alguns indivíduos do grupo que ainda não passaram por processos de consenso e difusão; mas que, pela sua importância, tem potencial transformador da estrutura das representações sociais. Em contraposição ao NC, no quarto quadrante, aparece a segunda periferia, composta por termos de baixa frequência e baixa importância percebida.

Resultados e discussão

Quando pedimos aos entrevistados que dissessem quais imagens, pensamentos, sentimentos lhes vinham à cabeça quando ouviam a palavra “ciganos”, obtivemos 704 evocações, sendo 325 das pessoas que moram perto e 379 das que moram longe. No EVOC adotamos como ponto de corte para a Ordem Média (OME) e para a frequência absoluta 2 e 20, respectivamente.

Na Tabela 1, podemos ver que os principais elementos das representações sociais das pessoas que moram perto se encontram associados aos estereótipos “briguentos”, “criminosos”, “diferentes” e “medo”. Percebe-se que os elementos do NC são negativos. Por terem sido muito evocados, pode-se dizer que estas características pertencem a uma opinião de caráter mais coletivo (Sá, 2002), ou seja, fazem parte do rol de representações mais comuns entre os indivíduos que moram perto dos ciganos. Além disso, é interessante notar que as pessoas que residem mais próximos deles e que provavelmente tem algum contato, se perceberam mais distintos dos mesmos, o que se deve, possivelmente, à forte coesão dos grupos ciganos que, como exogrupo, podem ser considerados como uma ameaça para os não ciganos que moram perto.

Tabela 1 - Estrutura do Núcleo Central, Periferias e Zona de Contraste das Representações Sociais associadas aos Ciganos

Núcleo central					
Frequência ≥ 20 e Classificação média ≤ 2,0					
Respondentes que moram perto			Respondentes que moram longe		
Enunciações	Freq ¹ .	Ordem ²	Enunciações	Freq.	Ordem
Diferentes	61	1,74	Nômade	61	1,69
Criminosos	40	1,73	Aparência	41	1,71
Briguentos	40	1,87	Misticismo	48	1,96
Medo	31	1,81	Trambiqueiros	28	1,96
			Vagabundos	25	1,88

1ª Periferia					
Frequência ≥ 20 e Classificação média ≥ 2,0					
Respondentes que moram perto			Respondentes que moram longe		
Enunciações	Freq.	Ordem	Enunciações	Freq.	Ordem
-	-	-	Cultura	45	2,22
			Pobreza	23	2,13

Zona de Contraste					
Frequência ≤ 20 e Classificação média ≤ 2,0					
Respondentes que moram perto			Respondentes que moram longe		
Enunciações	Freq.	Ordem	Enunciações	Freq.	Ordem
Nômade	19	1,32	Crimes	17	1,59
Iguais a nós	19	1,37	Diferentes	14	1,88
Desumanos	16	1,81	Dinheiro	12	1,83
Pobreza	9	1,33	Medo	11	1,91
Misticismo	8	1,88	Raça diferente	9	1,67
Pessoas unidas	7	1,71	História	7	1,86

2ª Periferia					
Frequência ≤ 20 e Classificação média ≥ 2,0					
Respondentes que moram perto			Respondentes que moram longe		
Enunciações	Freq.	Ordem	Enunciações	Freq.	Ordem
Aparência	13	2,00	Desumanos	9	2,11
Dinheiro	9	2,00	Briguentos	6	2,17
Cultura	5	2,40	Pessoas unidas	7	2,57

Nota: ¹ Frequência absoluta; ² Ordem de Classificação

Outros estudos têm demonstrado que quando um grupo percebe a forte coesão de outro grupo amplia-se a percepção de homogeneidade dos membros do exogrupo (Abelson, Dasgupta, Banaji & Park, 1998); sendo esse viés cognitivo a base dos estereótipos e preconceitos. Consideramos que as enunciações “briguentos”, “crimes”, “diferentes” e “medo” indicam que, mesmo morando perto, os *gadjes* apresentam uma necessidade de diferenciação e segregação com relação aos ciganos. São representações que denotam emoções fortes e negativas face ao grupo. Outros estudos tem mostrado que os ciganos, por possuírem uma cultura diferente, são percebidos como um grupo que não se encaixa dentro dos padrões da sociedade dominante (Teixeira, 2008; Souza *et al.*, 2009; Bonomo *et al.*, 2011); sendo percebidos como perigosos, uma ameaça à sociedade, sujos e imorais.

As representações sociais, como crenças compartilhadas acerca de um grupo, influem nos comportamentos e atitudes. Dessa forma, a imagem negativa difundida acerca dos ciganos, como se vê no primeiro quadrante, não favorece à integração entre eles e os

gadjes, embora exista a proximidade física/geográfica. Dito de outro modo, a percepção deles enquanto “diferentes” (61 evocações) pode estar dando o lastro necessário à discriminação, preconceito e perseguições das quais os ciganos são vítimas (Moscovici & Pérez, 1999).

Dentre os elementos mais evocados no terceiro quadrante, encontraram-se “iguais a nós”, “nômades”, “raça diferente” e “desumanos”. Ainda que esses elementos pertençam à ZC, o NC das pessoas que moram perto não parece ser ainda ameaçado pelos mesmos. Segundo Rocha (2010, p. 71), a ZC pode “revelar a existência de um subgrupo minoritário portador de uma representação diferente”, é a partir dela que a representação começa a mudar. Por conseguinte, a enunciação “iguais a nós”, com 19 evocações, pode implicar na existência de um subgrupo de cidadãos que podem contrastar com a visão dominante e negativa sobre os ciganos. Também pode ser, por outro lado, o impacto do “politicamente correto” que interfere nas respostas, sobretudo dos participantes mais escolarizados; fato que manteria a representação desumanizadora dos ciganos intacta.

A desumanização é um fenômeno transversal nas relações sociais de dominação, sendo mais intensa quando há contatos intergrupais frequentes (Jahoda, 1999). Trata-se de conjuntos de representações da alteridade que inferiorizam a diferença, aproximando-a dos animais (natureza) e objetos (coisas) (Oliveira, 2009). Os ciganos, por serem nômades, foram quase sempre desumanizados, associados a mendicantes, delinquentes e vagabundos. Além disso, devido às suas práticas culturais, são vistos como arruaceiros, sendo muitas vezes expulsos das cidades e vilas (Silva & Silva, 2002; Teixeira, 2008).

O quarto quadrante, no qual se encontram as representações mais emancipadas, uma vez que possuem certo grau de autonomia em relação ao Núcleo Central que é mais hegemônico (Cabecinhas, 2004), é habitado por características como “aparência”, “cultura” e “dinheiro”.

Com relação à representação social dos que moram longe, percebe-se que embora haja alguns elementos negativos, especialmente os que pertencem à Zona de Contraste, predomina a visão do exotismo dos ciganos, sendo “nômades” “aparência” e “misticismo” os elementos mais evocados e de maior ordem de importância. Os três elementos principais do NC para os que moram longe dos ciganos referem, como havíamos hipotetizado, um tipo de objetivação em que o exotismo do grupo é salientado, através do seu estilo de vida, das roupas e traços físicos, como a cor do cabelo (elementos que compõem a nossa categoria “aparência”) e finalmente do seu misticismo. No entanto, este cigano pintado com as cores do exótico é também percebido como amoral: “trambiqueiro” e “vagabundo”. De forma que não se trata apenas de uma descrição da diferença cultural, mas de uma valoração e hierarquização da mesma. Aqui podemos recorrer a George Simmel (1950), quando analisa as visões sobre o estrangeiro ou estranho (*The stranger*), e propõe que a proximidade e o afastamento são dispositivos fundamentais na organização das relações com o outro; de forma que para ser percebido como estrangeiro ou estranho precisa estar ao mesmo tempo próximo e distante. Próximo para ser incluído num universo comum de comparação, distante para ser percebido como diferente (ver Lima, 2011b).

Interessa ressaltar que a categoria “nômade” pode ter sido menos frequente nas respostas das pessoas que moram perto devido ao fato de que nos locais onde essas pessoas foram entrevistadas, os ciganos em sua maioria tornaram-se sedentários. Por tal motivo, o

que se percebe é que muitos dos que moram longe dos ciganos ainda não tem conhecimento da sedentarização destes, evocando 61 vezes a categoria “nômade.”.

Assim, verifica-se que embora a maioria dos ciganos tenha mudado seus hábitos e costumes, tornando-se sedentários, muitos ainda possuem uma visão estereotipada acerca do nomadismo do grupo. Contudo, com o processo de sedentarização, os ciganos perderam seus meios de sustento (Silva, 1999), o que pode ter facilitado a associação dos ciganos às enunciações “vagabundos” e “trambiqueiros”. Em suma, pode-se constatar que embora muitos dos ciganos não apresentem essas características, parece que as pessoas generalizam os atributos de alguns a todos do grupo, o que se deve a tendência de seleção descontextualizada dos elementos na objetivação de uma representação social.

Contudo, o NC das representações sociais das pessoas que moram longe, parece encontrar-se ameaçado pelas evocações “crimes”, “diferentes”, “dinheiro”, “medo”, “raça diferente” e “história”, que compõem a ZC. Como os elementos da ZC são extremamente negativos, pode-se inferir que alguns ou talvez todos os elementos desta zona podem se relacionar diretamente ao NC. Além disso, como a maior parte dos entrevistados que vivem longe dos ciganos possuem escolaridade elevada, supomos que pressões da norma antirracista e do politicamente correto impactaram suas respostas, evitando expressões mais abertas de preconceito e discriminação.

As evocações “cultura” e “pobreza”, da primeira periferia, sustentam os elementos do NC. Tais evocações remetem ao conhecimento mais próximo da realidade, que são esquemas de comportamento que refletem a influência que o cotidiano possui sobre as transformações das representações sociais (Sá, 2002). Já as evocações “desumanos”, “briguentos” e “pessoas unidas” marcam as posições da segunda periferia, a qual, como vimos, refere-se a valores extremamente individuais que se encontram em transformações constantes na sociedade, estando muito vinculados a experiência imediata, o que não permite que façam parte, por muito tempo, da estrutura das representações sociais (Rocha, 2010). Esses elementos da segunda periferia dão o toque final numa representação social dos ciganos objetivada no seu núcleo pela ambivalência e nas suas periferias pela negativização e mesmo exclusão moral do grupo.

De modo geral, percebe-se que embora a visão das pessoas que moram longe tenha sido mais positiva, a manutenção do caráter negativo das evocações provavelmente decorre de um longo processo histórico de discriminação e preconceito que vêm se mantendo há séculos e que têm disseminado uma imagem estereotipada dos ciganos, como indicam as análises de pesquisadores do tema (por exemplo, Mota, 1984; Moscovici & Pérez, 1999; Silva, 1999; Calamote, 2008; Silva & Silva, 2002; Teixeira, 2008; Moscovici, 2009; Souza *et al.*, 2009; Bonomo *et al.*, 2011).

Pelo exposto, podemos concluir que a maioria dos que moram longe não tem conhecimento sobre a cultura dos ciganos; sendo, portanto, mais influenciados pela imagem que os outros têm e pelas imagens passadas pela mídia, que frequentemente faz menção estereotipada e negativa ao povo cigano.

Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos um estudo sobre as representações sociais dos ciganos em Sergipe, formadas por cidadãos que vivem perto e outros que vivem longe de

comunidades ciganas. A nossa hipótese geral era a de que essas representações seriam mais negativas para os que vivem perto do que para os que vivem longe. Adotando postulados da abordagem estrutural das representações sociais, confirmamos a hipótese levantada. Em síntese, os elementos do NC das pessoas que moram longe e das que moram perto diferem entre si, também há diferenças importantes nas Zonas de Contraste; sendo estas as principais diferenças encontradas.

Pensamos que este achado pode ser explicado por um tipo de convivência que implica apenas em proximidade física, mas não em aproximação relacional e social. Com efeito, nas entrevistas com os que viviam perto *in loco* era comum ouvir a expressão “não tenho nada contra eles: eles lá e eu cá”. Nesse cenário, o contato não cumpre condições ideais de aproximação e superação das assimetrias como referiu Allport (1954), mas apenas faz aumentar o sentimento de rejeição, medo e ameaça como propôs Blumer (1958), e como demonstram Triandis e Vassiliou (1967). Essas atitudes ativam processos de diferenciação social através da produção de estereótipos negativos nas representações das pessoas que moram perto e que por isso distanciam-se simbolicamente mais do grupo. Em tal contexto, entendemos que a criação de políticas públicas que permitisse o apoio institucional aos grupos e interdependência positiva de objetivos, como já referia Allport (1954), poderia ser um modo de permitir contato real e positivo entre eles.

Embora a visão dos que moram longe contenha mais elementos positivos, também para eles permanece uma visão no geral negativa ou ambivalente dos ciganos, o que talvez seja decorrente da manutenção dos estereótipos difundidos secularmente. Cabe referir que, na Zona de Contraste dos que vivem perto aparece com força de importância e relativa frequência a categoria “iguais a nós”, que não foi referida pelos que vivem longe. De forma que, mesmo sendo mais negativa, a visão dos que vivem perto parece ser capaz de se alterar mais facilmente que a dos que vivem longe.

A disseminação da imagem desumanizadora dos ciganos muitas vezes advém da própria literatura, da mídia e de um senso-comum que pouco sabe sobre a cultura dessa categoria social. Criando uma lógica que se autoperpetua, na qual a exclusão gera ignorância e estigmatização, a falta de oportunidade para contato intergrupar aberto às diferenças produz comportamentos disruptivos e esses corroboram a exclusão e o estigma do grupo minoritário. Além disso, por se tratar de um povo misterioso, aspecto reforçado pelo distanciamento mantido pela sociedade em relação a eles, os documentos encontrados sobre em sua maioria são de autoria dos *gadjes*, o que conseqüentemente gera informações enviesadas pelas concepções dos autores que escrevem sobre eles (Teixeira, 2008).

No atual mundo “politicamente correto” que vivemos, as representações sociais dos ciganos continuam objetivadas por visões negativas, tal como as difundidas ao longo da história. Isto é evidenciado pelas caracterizações desumanizadoras atribuídas ao grupo, indicando a discriminação e a exclusão moral (Opatow, 1990).

Uma importante implicação dos resultados encontrados é a de que a visão estereotipada sobre os ciganos pode reforçar e legitimar a falta de leis que os protejam e a escassez de políticas públicas que os apoiem na garantia de seus direitos. Como esse povo apenas recentemente começa a ser reconhecido no Brasil como uma etnia, as precárias condições de vida e as imagens deslegitimadoras ainda permanecem. Porém, esse mesmo distanciamento que exclui os ciganos da sociedade, pode ser também o que sustenta ainda seus traços culturais vivos, possibilitando sua sobrevivência cultural.

A atribuição de características negativas e a pouca literatura científica sobre o grupo, que se traduzem na reduzida valorização e informação sobre a cultura cigana, podem ter sido um dos motivos que explicam a persistência de representações sociais tão negativas quanto as que os nazistas usaram para legitimar o assassinio de milhares deles na Segunda Guerra mundial. Portanto, é crucial a valorização da cultura cigana como etnia e a divulgação dos direitos registrados em lei no Brasil. Entende-se que a busca por uma maior compreensão da cultura cigana é de fundamental importância para a desmistificação das crenças e atribuições negativas, bem como para a criação de políticas públicas em benefício desse povo.

O nosso estudo possui algumas limitações dignas de referência. Analisamos dados referentes apenas às representações dos *gadjes*, de modo que não sabemos como os estereótipos negativos destes afetam o grupo dos ciganos. Em pesquisas futuras pretendemos analisar o meta estereótipo dos ciganos, bem como suas representações sobre os não ciganos. Além disso, havia algum desequilíbrio nos níveis de escolaridade dos que vivem perto e dos que vivem longe dos ciganos; sendo que estes últimos possuíam escolaridade mais elevada que os primeiros. Esta assimetria pode ter influenciado nas representações sociais encontradas, de forma que o exotismo verificado nas imagens dos que vivem longe pode ter sido mais efeito de um tipo de “zona muda” ou tema tabu, que os levou a evitar termos negativos sobre a minoria em análise do que da distância física em relação ao grupo. Como sabemos, quanto maior o nível de escolaridade, maior a preocupação com o “politicamente correto”.

Todavia, mesmo neste grupo as representações encontradas são muito negativas, o que nos faz crer que o efeito das normas antirracistas tem ainda pouco impacto sobre as visões dos ciganos no Brasil. Também devemos referir como limitação a relativa escassez na nossa revisão da literatura de estudos empíricos sobre ciganos. Esperamos que surjam muitas outras investigações, que este tema ocupe progressivamente mais espaço na psicossociologia das relações intergrupais e que assim possamos integrar e ampliar as informações sobre o povo cigano no Brasil, uma vez que o preconceito que se alimenta de ignorância destila ódio e indiferença.⁵

Referências

- Abelson, R. P., Dasgupta, N., Banaji, M. R., & Park, J. (1998). Perceptions of the collective other. *Personality and Social Psychology Review*, 2, 243-250.
- Allport, G. W. (1954/1979). *The nature of prejudice*. New York: Addison-Wesley Publishing Company.
- Becker, H. S. (1963). *Outsider: studies in the sociology of deviance*. New York: The Free Press.
- Benjamin, R. E. C. (2004). Ministério Público e Discriminação Étnica: O Caso dos Ciganos. Em A. V. Mota (Org.). *Antologia de Ensaios* (pp. 305-315). Editora Thesaurus: Brasília.
- Blumer, H. (1958). Race prejudice as a sense of group position. *The Pacific Sociological Review*, Vol. 1, pp. 3-7.

⁵ Notas: Além do nomadismo, a quiromancia é outra prática importante para a valorização cultural dos ciganos. De acordo com Calamote (2008), esta prática, também chamada de leitura de mãos ou *buena-dicha*, que é a principal ocupação da mulher cigana, se constitui numa atividade lúdica, através da qual se obtém alguma renda.

- Bonomo, M., Souza L., Trindade Z. A., Canal, F. D., Brasil, J. A., Livramento, A. M., & Patrocínio, A. P. S. M. (2011). Mulheres ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários. *Universitas Psychologica*, 10, 745-758.
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*, 14 (28), 125-137.
- Calamote, A. (2008). *Ciganos em Portugal – Séculos XV a XVIII*. Recuperado em 04 jul, 2011, de <http://two.xthost.info/alsica/Ciganos%20secXVI.pdf>.
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Franco, M. L. P. B. (2004). Representações Sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. *Cadernos de Pesquisa*, 34 (121), 169-186.
- Jahoda, G. (1999). *Images of savages: ancient roots of modern prejudice in western culture*. London: Routledge.
- Jodelet, D. (1998). A alteridade como produto e processo psicossocial. Em A. Arruda (Org.). *Representando a alteridade* (pp. 47-67). Petrópolis: Vozes.
- Krüger, H. (2004). Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. Em M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas* (pp. 23-40). Salvador: EDUFBA.
- Lima, M. E. O. (2011a). Preconceito. Em A. R. R. Torres., L. Camino, M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Orgs.). *Psicologia Social: temas e teorias*. 1ª ed. (pp. 451-500). Brasília: Technopolitik.
- Lima, M. E. O. (2011b). Da diferença à indiferença: Racismo contra Índios, Negros e Ciganos no Brasil. Em E. M. Techio & M. E. O. Lima (Orgs.). *Cultura e produção da diferença: Estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp. 217-246). Brasília: Technopolitik.
- Machado, L. B., & Aniceto, R. A. (2010). Núcleo Central e periferia das Representações Sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. *Ensaio: Avaliação, Política, Pública de Educação*, 18(67), 345-364.
- Menin, M. S. S. (2007). O aspecto normativo das representações sociais: comparando concepções. *Revista de Educação Pública*, 16, 121-135.
- Moscovici, S., & Pérez, J. A. (1999). A extraordinária resistência das minorias à pressão das maiorias: o caso dos ciganos em Espanha. Em J. Vala (Org.). *Novos racismos: Perspectivas Comparativas*. Celta editora: Oeiras.
- Moscovici, S. (2009). Os ciganos entre perseguição e emancipação. *Revista Sociedade e Estado*, 24, 653-678.
- Mota, A. V. (1984). Os ciganos do Brasil. *Correio da Unesco*, 12, 32-34.
- Oliveira A. P. (2009). *A desumanização: para uma crítica do conceito de humano que fundamenta a prática política das elites brasileiras*. Recuperado em 09 out, 2010, de <http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/29T.pdf>.
- Opatow, S (1990). Moral Exclusion and Injustice: An Introduction. *Journal of Social Issues*, 46, 1-20.
- Pereira, M. E. (2002). *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo, SP: EPU.
- Pereira, M. E. (2011). Cognição Social. Em A. R. R. Torres, L. Camino, M. E. O. Lima & M. E. Pereira. (Orgs.). *Psicologia Social: temas e teorias* (pp. 101-170). Brasília: Technopolitik.
- Rocha, A. A. (2010). *Representações Sociais do jogo de regras: um estudo entre professores de educação física da rede pública estadual da Bahia* (Monografia de Pós-graduação não publicada). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil.
- Rothbart, M., & Taylor, M. (1992). Category labels and social reality: do we view social categories as natural kinds? Em G. B. Semin & K. Fielder (Orgs.). *Language, Interacting, and Social Cognition* (pp. 11-36). London: SAGE Publications.
- Sá, C. P. (2002). *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Sherif, M. (1967). *Group conflict and cooperation: Their social psychology*. Londres: Routledge and Kegan Paul.

- Silva, M. C., & Silva, S. (2002). Práticas e Representações Sociais face aos ciganos: o caso de Oleiros, Vila Verde. *Antropológicas*, 6, 57-86.
- Silva, R. A. (1999). *Os ciganos Calon em Sergipe* (Monografia não publicada). Universidade Federal de Sergipe. Sergipe, Brasil.
- Simmel, G. (1950). *The sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press.
- Simoneau, A., & Oliveira, D. C. (2011). Programa universitário para pessoas idosas: a estrutura da representação social. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63, 11-21.
- Souza, L., Bonomo, M., Livramento, A. M., Brasil, J. A., & Canal, F. D. (2009) Processos identitários entre ciganos: Da exclusão a uma cultura de liberdade. *Liberabit*, 15, 29-37.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Teixeira, R.C. (2008). *História dos ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos. Recuperado em 04 jul, 2011, de http://www.etnomidia.ufba.br/documentos/rct_historiaciganosbrasil2008.pdf.
- Triandis, H. C., & Vassiliou, V. (1967). Frequency of contact and stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 7, 316-328.

Apresentação: 01/10/2012
Aprovação: 14/12/2012